

## Utopia de uma ética societária

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

“...sem dúvida há uma loucura necessária, que não ser louco da loucura de todo o mundo seria ser louco de uma outra forma de loucura”  
PASCAL

Perguntei outro dia a um amigo se acreditava ser possível uma sociedade justa dentro do *capitalismo*? Seu sorriso incrédulo não me deixou dúvidas da resposta. A presença inquestionável da tônica no produto e não naquele que o manufatura, varre as esperanças de meu amigo acreditar numa perspectiva de justiça social dentro deste modelo econômico. Me fiz então a seguinte pergunta: é possível uma sociedade justa dentro do *socialismo*?

Podem os leitores exercitarem suas respostas ou fazerem suas escolhas. Sim, escolha, por que aquele que afirmar a possibilidade de justiça em uma ou em outra, certamente estará fazendo sua escolha por uma ou outra das perspectivas políticas. Escolha que em absoluto deve ser condenada ou aprovada, mas simplesmente refletida. Podem agora indagamem minhas respostas.

Me faço valer nesse momento de minha identidade profissional onde psicanalistas se furtam de dar algumas respostas buscando inspiração na cultura rica dos judeus que muitas vezes respondem fazendo perguntas. Então lá vai: é possível uma sociedade justa dentro da comunidade humana, já que capitalismo e socialismo são obras *parciais* da *total* humanidade?

Não sou cientista político e não quero arriscar em inscrições mais profundas no campo da política onde certamente irei derrapar. Me contento com uma leitura psicanalítica dessas políticas facetas do existir.

A psicanálise deixou o registro de alguns conceitos e dentro desse extenso acervo vou buscar dois - *neurose* e *perversão*. Freud irá afirmar que a *neurose* é o *negativo da perversão*, que o homem de bem se contenta em sonhar o que o perverso realiza. A pesquisa psicanalítica vai descobrir que todo humano vive no início de sua vida o que se conhece por *disposição polimorfo-perversa*. Com isso Freud arranca a perversão das garras do absolutismo moral para colocá-la no lugar que de direito ocupa no logos do humano constitucional. Consegue também com isso tirar a perversão do domínio dos canalhas que, perante a ignorância dos seres morais anterior a psicanálise, tinham-na como a

maior arma para pregar a pertinência da imoralidade. Ao devolver o conceito de perversão (*pervertere – outro caminho*) as suas origens humano-constitucionais a psicanálise irá dar um profundo golpe por um lado nos moralistas e por outro nos de má índole, aliás farinha do mesmo saco. Oferece a ciência psicanalítica um espaço ético para o sujeito do inconsciente antes condenado pela pecha de pecador, criminoso ou na “melhor” das hipóteses doente.

E o que tudo isso tem haver com capitalismo ou socialismo? Parafraseando Freud diria que o *socialismo é o negativo do capitalismo*. Nessa linha associativa socialismo está para a neurose assim como capitalismo para a perversão. Teríamos no perfil do militante genuíno da esquerda algo mais próximo do neurótico enquanto o sujeito da direita se aproximaria do perverso.

Pode-se admitir nesse momento uma vantagem para o movimento em direção ao socialismo, já que a neurose é compatível com a civilização, pois é mais *todo*, enquanto a perversão a inviabiliza, *parte* apenas que é. Pode-se mesmo afirmar que a neurose é o tributo que o homem teve de pagar para civilizar-se, integrar-se, procurar ser inteiro. Somos capazes de viajar para admirar a sublimação homossexual do monumental *Davi de Michelangelo*, o erotismo da sedutora *Vênus de Milus*, a bela crueldade esculpida no “*Rapto das Sabinas*”, a violência retratada por Picasso em *Guernica*, a riqueza do túmulo de Napoleão ou dos desconhecidos soldados, mas não nos deslocaríamos para assistirmos relações sexuais genitalizadas no velho mundo, triunfo de ladrões ou raptos, atos de crueldade, cenas de guerras muito menos gerais ou soldados mortos. Decididamente a perversão não é geradora direta de cultura apenas quando reprimida ou sublimada.

E a utopia de uma ética societária?

Deixo antever com isso que uma sociedade humana caminharia para ser mais justa, e portanto mais ética, se pudesse perceber e admitir sua natureza perversa (capitalista) e descobrir como reprimi-la ou sublimá-la, ou melhor, socializa-la. O produto a serviço do homem e não o contrário. Inócuo também querer se convencer neuróticamente da inutilidade do produto, mesmo que supérfluo, pois as vezes, por incrível que pareça, o supérfluo é essencial. O produto sem lugar de dúvidas ocupa um lugar na nossa humana condição, mas mesmo assim não vai deixar de ser apenas produto, apesar dos protestos dos consumistas ou tecnocratas. E que cada um PAGUE O DEVIDO para possuí-lo. E pague mesmo para não pôr em risco o Homem. Inspirado no velho Marx diria: “a todos o necessário, a cada um o possível”. Moderno, não?

O Social *todo* pode conter o capital parte, o *in-verso per-verso* me parece incompatível com a civilização, portanto, com a vida. Os

cientistas políticos e políticos maiúsculos que bebam do saber comunitário e dêem forma a isso. Caso contrário a única saída ética seria seguir a receita de Pascal e ENLOUQUECERMOS DA LOUCURA DE TODO MUNDO. Espero que não seja necessário, apesar de me sentir as vezes preparado para isso!

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).